

# MULHERES DO MEDIEVO: REPRESENTAÇÕES FEMININAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA

## Women from Medieval Times: feminine representations in History Didactic Books

Elizabeth Sousa Abrantes<sup>1</sup>

Docente da Graduação e Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Maranhão (PPGHIST-UEMA)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4087-0057>

E-mail: [bethabrantes@yahoo.com.br](mailto:bethabrantes@yahoo.com.br)

Natasha Nickolly Alhadeff Sampaio Mateus<sup>2</sup>

Doutoranda em História (PPGHIS-UFMA-FAPEMA)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9634-665X>

E-mail: [natasha\\_alhadeff@hotmail.com](mailto:natasha_alhadeff@hotmail.com)

Yuri Givago Alhadeff Sampaio Mateus<sup>3</sup>

Doutor em História (PPGHIS-UFMA-CAPES)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8913-3966>

E-mail: [yuri\\_alhadeff@hotmail.com](mailto:yuri_alhadeff@hotmail.com)

Recebido em: 30/11/2023

Aprovado em: 08/02/2024

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo analisar as representações das mulheres medievais presentes nos livros didáticos de História do Ensino Fundamental – anos finais (6º ano). Destacamos nas obras analisadas os aspectos metodológicos, linguagens, fontes, iconografias e atividades de aprendizagens, a fim de perceber a maneira como apresentam a participação das mulheres nos processos históricos do período que corresponde a Idade Média. As obras utilizadas nesta análise foram publicadas em 2018 e fazem parte do PNLD de 2020, a saber: *Historiar* (Editora Saraiva); *Estudar História: das origens do homem à era digital* (Editora Moderna); *História Sociedade & Cidadania* (Editora FTD). Consideramos que não basta colocar as mulheres nos livros didáticos, mas é preciso reformular as abordagens, explicando melhor seu protagonismo nos processos históricos, com novos olhares que considerem as relações sociais de gênero.

**Palavras-chave:** Mulheres. Idade Média. Ensino de História. Livros Didáticos.

**Abstract:** This article aims to analyze the representations of women medieval elements present in Elementary School History textbooks – years finals (6th year). We highlight in the works analyzed the methodological aspects, languages, sources, iconography and learning activities, in order to understand the way in which present the participation of women in the historical processes of the period that corresponds to the Middle Ages. The works used in this analysis were published in 2018 and are part of the 2020 PNLD, nominated: *Historiar* (Editora Saraiva); *Estudar História: das origens do homem à era digital* (Editora Moderna); *História Sociedade & Cidadania*; (Editora FTD). We believe that it is not enough to put women in textbooks, but it is necessary to reformulate the approaches, better explaining their role in historical processes, with new perspectives that consider social gender relations.

**Keywords:** Women. Middle Ages. Teaching History. Didactic books.

## 1. Introdução

No cotidiano escolar, o livro didático tem sido um instrumento pedagógico e um recurso de ampla utilização pelos professores (as), pela maneira como reúne os conteúdos previamente aprovados pelo currículo e as possibilidades didáticas que oferece para atividades de aprendizagem. Porém, seu uso também provoca divergências no meio escolar, com críticas a organização dos conteúdos, as omissões, simplificações e abordagens que nem sempre acompanham as atualizações das pesquisas que ocorrem no âmbito acadêmico. Apesar das polêmicas envolvendo seu uso, o livro didático permanece sendo referência para os estudantes, e a sua produção requer um esforço complexo para atender às exigências legais e sociais.

No caso do livro didático de história, quando é tomado como objeto de pesquisa, é fundamental considerar não só os seus conteúdos e a maneira como são abordados, mas seus silenciamentos, especialmente na interação entre os aspectos de classe, gênero e etnia. A presença dessas abordagens é fundamental para as reflexões dos educandos e para um ensino comprometido com a formação cidadã.

Não se deve esquecer a respeito do livro didático, como aponta a historiadora Circe Bittencourt (2015, p. 71), que esse material é, antes de qualquer outra coisa, “uma *mercadoria*, um produto do mundo da edição que obedece à evolução das técnicas de fabricação e comercialização pertencentes à lógica de mercado”. Como mercadoria, o livro didático passa por várias interferências em sua produção, dos diversos sujeitos que participam de sua elaboração, desde o autor e o editor, até os “técnicos especializados dos processos gráficos, como programadores visuais, ilustradores”. Por essa razão, a autora salienta que o livro didático, como “objeto da indústria cultural”, demanda um modo de leitura preparada por outros profissionais e não precisamente por quem assina a autoria final desse material.

A respeito dos conteúdos presentes nesses materiais didáticos, tradicionalmente predominou os temas eurocêntricos que retratavam o ideal do homem universal, branco, hétero, rico e educado, com base nos moldes civilizacionais europeus, segundo o modelo historiográfico que dava suporte a esses conteúdos didáticos. Assim, os diferentes grupos sociais que destoavam do modelo hegemônico eram apresentados

como coadjuvantes nos processos históricos, isso quando não eram invisibilizados, a exemplo das mulheres, perdendo de vista a importância e a necessidade de incorporar as relações de gênero nas análises históricas. Como aponta Carla Bassanezi Pinsky, as questões de gênero são enriquecedoras das aulas de história, sendo fundamental “fornecer aos estudantes elementos para um ‘olhar de gênero’, ou seja, fazer com que eles percebam como o masculino e o feminino têm sido e ainda são representados e, a partir disso, como as sociedades se organizam com base nessas representações” (PINSKY, 2015, p. 29).

Portanto, este artigo tem por objetivo analisar as representações das mulheres medievais presentes nos livros didáticos de História do Ensino Fundamental – anos finais (6º ano). As obras utilizadas nesta análise foram: *Historiar*, dos autores Gilberto Cotrim<sup>4</sup> e Jaime Rodrigues<sup>5</sup>, publicado pela Editora Saraiva; *Estudar História: das origens do homem à era digital*, das autoras Patrícia Ramos Braick<sup>6</sup> e Anna Barreto<sup>7</sup>, publicada pela Editora Moderna; *História Sociedade & Cidadania*, de Alfredo Boulos Júnior<sup>8</sup>, publicada pela Editora FTD, todas lançadas em 2018. Esses livros foram aprovados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD 2020), que é um programa de distribuição de livros didáticos para as escolas públicas do Ensino Básico, do Ministério da Educação (MEC). Destaca-se nas obras analisadas os aspectos metodológicos, linguagens, fontes, iconografias e atividades de aprendizagens, a fim de perceber a maneira como apresentam a participação das mulheres nos processos históricos do período que corresponde a Idade Média.

Consideramos que não basta colocar as mulheres nos livros didáticos, mas é preciso reformular as abordagens, explicando melhor seu protagonismo nos processos históricos, com novos olhares que considerem as relações sociais de gênero. Este estudo está dividido em duas partes, sendo a primeira uma abordagem sobre os estudos de gênero e do Ensino de História, e a segunda uma análise das representações das mulheres medievais nos livros didáticos.

## 2. As relações de gênero e o Ensino de História

As abordagens dos estudos históricos passaram por transformações no século XX, a exemplo da grande contribuição do movimento historiográfico denominado de Escola dos Annales<sup>9</sup>. Esta nova corrente historiográfica trouxe grandes inovações como o conceito de história-problema, a interdisciplinaridade, a ampliação da noção de fonte histórica, uma visão dialética do tempo histórico, além de novas possibilidades de análise históricas, como o estudo dos excluídos da História, colocando-lhes em um lugar de maior destaque, não mais como invisíveis nos processos históricos, mas sujeitos ativos, seja por meio de investigações dos seus cotidianos, das revoltas populares, da cultura popular, entre outros aspectos. Tais enfoques possibilitaram trazer à tona a memória histórica desses indivíduos que são tradicionalmente postos de forma marginalizada, a exemplo das mulheres, notadamente as dos segmentos populares.

A cultura escolar – presente nos currículos, procedimentos de ensino, teorias, linguagens, materiais didáticos e processos avaliativos – foi também apontada e criticada como produto e produtora das diferenças de gênero, sexualidade, classe, raça e etnia. Não por acaso, a educação escolar se tornou alvo de muitos debates e questionamentos por parte de diversos movimentos sociais. Até então, a voz que se fizera presente no espaço escolar era a do sujeito masculino, branco, cristão, heterossexual, europeu, produtivo e reprodutivo. Ao longo do tempo, essa voz obteve ampla autoridade e legitimidade, construindo e difundido representações racistas, sexistas, colonialistas e eurocêtricas acerca da história, das identidades e relações sociais (OLIVEIRA, 2014, p. 277).

Mais recentemente os currículos escolares tem procurado acompanhar os estudos históricos produzidos nas universidades, especialmente aqueles que abordam os sujeitos tradicionalmente excluídos, o que mostra também os impactos dos movimentos sociais e suas demandas por uma história mais inclusiva e plural. Nessa nova história, as “pessoas comuns já são reconhecidas como sujeitos históricos; o cotidiano está presente nas aulas e o etnocentrismo vem sendo abandonado em favor de uma visão mais pluralista” (PINSKY, 2015, p. 7). No caso das mulheres como sujeitos históricos, esta inserção na pesquisa e no ensino é fruto não apenas da academia, mas também da luta feminista. A História das Mulheres, especialmente na perspectiva das relações de gênero, tem crescido e ocupado espaço na produção

historiográfica atual, o que mostra que as mulheres não estavam ausentes dos eventos históricos e sim invisibilizadas pelo olhar androcêntrico presente nesses estudos.

Não lhes faltam, sem dúvida, alguns foros antigos de nobreza, mas a constituição em campo particular de pesquisa, a definição de seus objetos e a formulação de suas problemáticas seguiram-se, na realidade, ao aparecimento das reivindicações específicas das mulheres no terreno político e social (KLAPISCH-ZUBER, 1993, p. 569).

A historiadora Klapisch-Zuber (1993, p. 569) ainda diz que, desde a Antiguidade e na Idade Média, havia as “biografias morais à moda de Plutarco”, as quais mostravam “figuras femininas como exemplos das virtudes do seu sexo, sem agenciar essas galerias de retratos num relato histórico nem inseri-los no curso da história humana”. De acordo com a narrativa cristã que veio se desenvolvendo desde a Idade Média, as mulheres foram vistas de forma ambígua, sendo a causa de perdição, representada pela figura de Eva, ou de salvação, expressa na figura da Virgem Maria, “mas essa dupla função, que marca toda ambivalência das imagens que delas são feitas, foi fixada uma vez por todas”. Essas ideias que ainda se fazem presente na sociedade contemporânea, revelam que a História das Mulheres é necessária para a desconstruções desses estereótipos que “perpetuaram a expulsão das mulheres para fora do cenário da história” (KLAPISCH-ZUBER, 1993, p. 570).

Outro obstáculo apontado nos estudos sobre as mulheres é a falta de materiais sobre seu passado elaborados por elas mesmas, o que implica maiores dificuldades, mas não insuperáveis, haja vista que a leitura a contrapelo fornece indicações sobre as representações femininas, as desigualdades de gênero presentes nas sociedades. Como muitas pesquisadoras e pesquisadores desse campo destacam, é mais frequente encontrarmos representações acerca das mulheres que tenham por base discursos masculinos, definindo quem são e o que necessitam fazer para se enquadrarem nos modelos sociais prescritos. Por isso, o maior enfoque nessa tarefa de análise é captar o imaginário acerca das mulheres, as condutas que lhes são preceituadas e episódios dos seus cotidianos, mesmo que por meio da visão masculina (SOIHET, 2011).

As dificuldades de penetrar no passado feminino têm levado os historiadores a lançarem mão da criatividade, na busca de pistas que lhes permitam transpor o silêncio e a invisibilidade que perdurou por tão longo

tempo neste terreno [...] Enfim, acompanhando a renovação teórica dos estudos históricos, refinaram-se os métodos, as técnicas, desenvolvendo-se a inventividade com relação às fontes, o que tem possibilitado maior intimidade com aqueles segmentos e a ampliação dos horizontes da história (SOIHET, 2011, p. 283).

Desde que surgiu como um campo definível na década de 1960, a História das Mulheres tem enfrentado desafios para receber um tratamento igualitário no meio acadêmico, o que implica no reconhecimento profissional e na alocação de recursos para as pesquisas. Mas, como destaca Scott (2011, p. 65), embora com grandes distinções “nos recursos para ela alocados, em sua representação e em seu lugar no currículo, na posição a ela concedida pelas universidades e pelas associações disciplinares, parece não haver mais dúvida de que a história das mulheres é uma prática estabelecida em muitas partes do mundo”.

As lutas sociais e as correntes feministas no final do século XIX e das primeiras décadas do século XX iriam estimular a reflexão sobre o lugar ocupado pelas mulheres na história e revelar a possibilidade de uma história das mulheres. História que, ao mesmo tempo, se coloca no terreno do que é político, na época das sufragistas, e no terreno do que é social, quando se colocou o problema muito atual das relações entre as reivindicações feministas e o movimento operário. No ponto de junção dessas duas problemáticas, as figuras emblemáticas do protesto feminista foram objeto das primeiras pesquisas [...] (KLAPISCH- ZUBER, 1993, p. 570).

Os estudos de gênero ampliaram o foco da História das Mulheres, ao indicar o aspecto relacional “entre as mulheres e os homens, ou seja, que nenhuma compreensão de qualquer um dos dois pode existir através de um estudo que os considere totalmente separado” (SOIHET, 2011, p. 267). Ainda de acordo com Soihet, esses estudos mudariam fundamentalmente os paradigmas da disciplina histórica, inserindo não apenas novas temáticas, como também reformulando as “premissas e critérios do trabalho científico existente”, resultando não “apenas ‘uma nova história das mulheres, mas uma nova história’”.

Os estudos de gênero têm problematizado as ausências das mulheres nas narrativas históricas, o que implica que essa abordagem é necessária também na escrita da história ensinada, com destaque para os livros didáticos, especialmente quando se observa que a igualdade de gênero ainda não é uma realidade para as mulheres no

Brasil, daí a importância de um ensino de História que incorpore essas discussões. O ensino de história deve expor as “diferenças culturais, étnicas, de gênero, suas implicações em sistemas políticos e ideológicos, os papéis da religião, a composição do imaginário, o impacto da tecnologia, as inclusões e exclusões que se associam a elas etc.” (FREITAS NETO, 2016, p. 70). Portanto, o ensino de História deve estar pautado em uma análise crítica e acionar nos estudantes o interesse por temas que, historicamente, foram excluídos do currículo escolar. As mulheres fazem parte desse grupo de excluídos da História, e seu protagonismo deve ser abordado para que haja ações mais efetivas no combate a violência de gênero, tão presente ao longo da História.

Há muitos impasses no fazer histórico a respeito da questão feminina, dentre os quais uma abordagem dos eventos históricos que abranja as mulheres, não apenas como coadjuvantes, mas também como protagonistas, que têm as suas ações reconhecidas como

tais. “Faltam debates sobre a história das mulheres. E poderíamos no perguntar: para que serve a história das mulheres? E a resposta viria simples, para fazê-las existir, viver e ser. Esta é uma das funções primordiais da história” (TEDESCHI, 2007, p. 338).

Essa mesma preocupação vale para o ensino de história, para a necessidade da presença das mulheres nos livros didáticos, considerando a importância da escola e o lugar privilegiado que representa para os debates sobre cidadania, inclusão, igualdade de gênero e combate a toda forma de discriminação e preconceito. Essa é uma preocupação das estudiosas e dos estudiosos que tratam das discussões sobre gênero e sobre as mulheres, porque entendem que “essas questões destacam-se nos comportamentos, nas posturas dos professores e professoras, dos alunos e alunas, e ‘aparecem descaradamente’ nos livros didáticos, carregados de pontos de vista, ideologias e interesses de quem os produz ou de quem os escreve, apesar de todas as pesquisas que já foram desenvolvidas na academia nessa área” (FERREIRA; GRISOLIO, 2016, p. 79).

É necessário que os professores e professoras estejam preparados para essas discussões que envolvem os excluídos da história, especialmente as mulheres, para que saibam questionar os conteúdos e as ausências nos livros didáticos, para que o espaço



escolar não seja um reprodutor dessas exclusões. Daí a importância de os livros didáticos de história incorporarem as discussões de gênero.

A análise dos livros didáticos, a partir da história das mulheres e, principalmente, das questões de gênero, torna-se de fundamental importância, pois pode e deve contribuir para que os livros, ao incorporarem mudanças, possibilitem, também, a revisão de comportamentos normativos, preconceitos e discriminações erigidos sobre a diferença (FERREIRA; GRISOLIO, 2016, p. 81).

O estudo feito por Valéria Fernandes da Silva (2014, p. 263) sobre as representações femininas nos livros didáticos de história mostrou que “há uma tradição de silenciamentos dos conflitos e resistências de mulheres, negros, indígenas, e outros, ressaltando-se, ora um viés político androcêntrico, ora uma leitura economicista da História”. A análise que fez de várias coleções do PNL D de 2011, do segundo segmento do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, revelou uma ausência sobre a questão das mulheres, e que isso trata-se “de um silenciamento que cria sentidos e institui verdades sobre a importância que as mulheres têm como sujeito da História para os organizadores dos guias”.

Nossos livros didáticos falam ainda muito pouco da participação das mulheres nos processos históricos, tendem a generalizar o seu papel como agentes sociais, reforçando-se papéis de gênero tradicionais, relegando a sua aparição às caixas de destaque, tal qual curiosidade fossem. Na tessitura do texto principal, elas pouco aparecem e, se estão lá, aparecem destacadas, como algo citado excepcionalmente, ou seja, a função é a mesma da caixa de texto (SILVA, 2014, p. 264-265).

O texto da autora se refere ao cenário da produção didática na primeira década do século XXI, o que tornava essa produção muito parecida com o que era feito na década de 1980, antes da LDB, dos PCN's e das legislações que mudaram o currículo para torná-lo mais inclusivo. Por essa razão, ao abordamos livros didáticos produzidos em 2018 para o PNL D (2020), queremos perceber o que mudou, como as mulheres estão representadas, se a partir de uma perspectiva renovadora da história ou simplesmente para cumprir uma exigência para aprovação dos livros.

### 3. As representações das mulheres medievais nos livros didáticos de História



As representações da Idade Média apresentam uma hierarquia que é marcada pela agência masculina, com o sujeito masculino como o agente histórico que protagonizou, por meio da sua virilidade e virtudes cristãs, as cenas principais nas instâncias cotidianas ou nos espaços decisórios do poder. Foi um período histórico fortemente marcado pela misoginia, com a sociedade medieval, especialmente por meio da sua elite letrada, enfatizando a inferioridade das mulheres. “A Idade Média cristã colocou a diferença dos sexos no centro de sua reflexão antropológica e tomou a categoria do feminino como instrumento conceitual, poderíamos dizer, válido para tudo” (KLAPISCH-ZUBER, 2006, p. 137;138).

Deve-se ter notado que falando do masculino/feminino na Idade Média, dificilmente evoca-se os valores ligados ao polo masculino, tanto o discurso medieval dominante atua pela separação, pela diferenciação do feminino a partir de um masculino concebido como plenitude e totalidade. Além disso, é impossível negligenciar a misoginia particular àquela época, que não somente concentra a atenção dos autores no feminino e infla desmesuradamente a análise, mas utiliza-a como categoria conceitual redutora nas investigações que não têm nada a ver com a mulher, nem com as mulheres. O feminino guarda, no entanto, uma ambivalência irreduzível vinda de sua construção ideológica e social. *O homem é unidade, o masculino, unívoco. A mulher é ao mesmo tempo Eva e Maria, pecadora e redentora, megera conjugal e dama cortesã. Dentre estas facetas, o feminino não escolhe, justapõe. Assim, ele se furta obstinadamente a buscar sua natureza própria, que depende do espiritual, miseravelmente medido, e do corporal, no qual foi logo encerrado* (KLAPISCH-ZUBER, 2006, p. 149, grifos nossos).

Diante desse panorama das relações sociais hierarquizadas entre o sexo masculino e feminino, é possível observar que as representações femininas na Idade Média mostram uma sociedade desigual, em que as ações das mulheres ficaram em segundo plano e caracterizadas por uma dualidade e um maniqueísmo entre Ave e Eva, o bem e o mal, a intercessora e a pecadora. Considerando a complexidade das sociedades e suas hierarquias, as relações sociais de gênero precisam ser consideradas para conhecer e compreender os sentidos atribuídos ao masculino e ao feminino nos períodos históricos, o que torna necessário tal abordagem na investigação histórica sobre a situação das mulheres no período medieval. Uma vez que se tem avançado com os estudos a respeito da atuação das mulheres nos processos históricos, sobretudo no período medieval, faz-se necessário o acompanhamento desses debates no ensino de História, sendo o livro

didático um instrumento para alcançar esse objetivo. Assim, destaca-se o objetivo desse trabalho que é analisar as representações femininas do período medieval nos livros didáticos de História.

### 3.1 Livro didático *Historiar*

O primeiro livro didático utilizado para esta análise é a obra *Historiar* (2018), para uso do 6º ano do Ensino Fundamental - Anos Finais, do componente curricular História, de autoria de Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues, da editora Saraiva.

Por se tratar de um livro destinado aos alunos que iniciam a segunda fase do Ensino Fundamental, onde obterão os conhecimentos específicos dos diferentes componentes curriculares, o conteúdo do livro do 6º ano inicia com a introdução de alguns conceitos básicos da disciplina, como tempo, espaço e cultura, discorre sobre o trabalho do historiador e indaga para que serve a História. Está organizado em quatro unidades, com conteúdos que abordam as origens da humanidade, incluindo os primeiros povos da América, as sociedades da Antiguidade, o Ocidente Clássico (Grécia e Roma), o Império Bizantino, o Feudalismo e Islamismo. Os conteúdos sobre o período medieval estão nos capítulos 12 e 13 da quarta unidade, sendo que em um deles existe um item sobre “Mulheres na Idade Média”. Esse livro contém 248 páginas, dividido em 16 capítulos<sup>10</sup>, organizados com diferentes recursos de imagens, textos-base e os boxes: *Abertura de capítulo, Investigando, Outras Histórias, Glossário, Painel, Observando o mapa, Cartografia e Iconografia, Para saber mais, Audiovisual e Projeto temático*.

O capítulo 12, intitulado *Formação da Europa feudal*, inicia destacando que o objetivo do capítulo é tratar de alguns aspectos da cultura dos povos germânicos e da sociedade feudal, questionando se o leitor conhece alguma história ambientada na Idade Média, uma maneira de despertar a atenção dos estudantes para os conhecimentos prévios sobre o tema, os quais podem ter sido obtidos por diferentes meios, como a literatura ou o cinema. Há também duas imagens bastante simbólicas como representação dessa época, que mesmo dispostas apenas como ilustração, carregam bastante simbolismo. A primeira é uma vista da Igreja de Todos os Santos, erguida por

volta de 1430, na Inglaterra, apresentando elementos da arquitetura germânica, e a segunda imagem é um capacete anglo-saxão, com datação aproximada do século VII, que se encontra exposto no Museu Britânico, em Londres. São imagens que expressam dois elementos considerados característicos do medievo, a fé religiosa e os nobres guerreiros, sendo, portanto, uma espécie de chave para a maneira como os autores irão abordar esse período.

Os autores não dão um conceito fechado do que seria esse período histórico denominado de Idade Média, mas por meio de um fragmento de texto, do medievalista Hilário Franco Júnior<sup>11</sup>, explicam como foi criada essa expressão e qual o seu significado. Sobre os marcos exatos para determinar o início e o fim desse período também demonstram que não há consenso, e que “variam de acordo com as interpretações dos historiadores”<sup>12</sup> (COTRIM; RODRIGUES, 2018, p. 194).

Outro ponto a ser destacado é que os povos germanos não são mencionados como “bárbaros”, expressão utilizada na época pelos povos romanos, e durante muito tempo reproduzida pela historiografia, o que denotava uma visão etnocêntrica e de preconceito com as culturas que não seguiam o modelo civilizatório romano. A outra preocupação dos autores é não julgar a Idade Média, apresentando aos estudantes os vários sentidos que essa época obteve ao longo do tempo, a exemplo da visão negativa como a “Idade das Trevas”, como “uma época obscura, marcada pela intolerância da Igreja, pelo atraso tecnológico e pelo declínio das atividades comerciais”. De outro modo, uma visão positiva, como “uma época de fé religiosa, de reis e rainhas poderosos, de castelos exuberantes e de nobres guerreiros”.

Os povos germânicos são apresentados em sua origem e organização, marcados por serem uma sociedade patriarcal, de tradição oral, com direito consuetudinário e politeísta. São apresentadas imagens que expressam ações masculinas, sem a presença feminina, mas esse aspecto não é explorado.

No boxe *Painel* há uma figura de um castelo medieval, com a explicação de como era dividido, sendo este um local em que se abrigavam os nobres, empregados e guerreiros e a sua função era servir como uma fortaleza militar, moradia e centro administrativo. Segundo os autores, suas construções estavam relacionadas à uma

estrutura defensiva, isto é, uma construção fortificada para proteger o feudo. A imagem apresentada tem como propósito muito mais a representação artística de alguns elementos dos castelos medievais, não se preocupando em comentar seu ambiente interno, que abrigava as centenas de pessoas que conviviam naquele espaço, conforme as regras sociais e as hierarquias do período. Na página 204 há uma imagem da representação artística de um feudo, destacando suas divisões, especialmente as áreas dos campos abertos, das reservas senhoriais e os mansos servis. Na página seguinte há uma Iluminura do *Livro de horas do Duque de Berry*, do século XV, apresentando a situação dos servos, os quais tinham que trabalhar no cultivo da terra para o próprio sustento e das demais ordens sociais (nobreza e clero).

Os autores encerram o capítulo tratando do feudalismo, apresentando as suas características, assim como a relação de suserania e vassalagem, divisões sociais, trabalhos nos feudos, condição servil, destacando que nesse período a mobilidade social só era possível para os homens nobres, já para os camponeses seria muito difícil ocorrer essa mudança em sua condição social.

As atividades de aprendizagem estão na seção *Oficina de História*, subdivida em *Refletir e ampliar*, *Fontes históricas*, *Integrar com Língua Portuguesa* e *Integrar com Arte*. Nessas duas seções, os autores buscam dialogar com outros componentes curriculares e as questões discursivas são feitas a partir do apoio de imagens e fragmentos de obras de historiadores e de fontes históricas. Na questão 2, tomando como base um texto do Georges Duby e Philippe Ariès, da obra *História da Vida Privada: do Império Romano ao ano mil*, um dos questionamentos solicita uma reflexão sobre a educação de homens e mulheres, no passado e no presente, com a seguinte indagação: “O texto trata da educação dos rapazes e não das moças. A educação era diferente para homens e para as mulheres? Isso ainda acontece hoje? Dê sua opinião e explique suas respostas” (COTRIM; RODRIGUES, 2018, p. 206). Nessa atividade é feita referência à educação feminina, mas faltam elementos para a reflexão dos estudantes, pois o fragmento do texto historiográfico citado trata somente da educação dos rapazes da nobreza, e os textos-base usados ao longo do capítulo não fazem referência ao feminino, além do

que falta uma orientação de leituras complementares para pesquisa exterior a esse material didático.

O capítulo 13 intitulado *Transformações na Europa feudal* inicia explicando que a Idade Média deixou uma herança cultural para as sociedades ocidentais, e que foi nesse período que surgiram alguns costumes que estão presentes nas sociedades ocidentais até hoje, como o aperto de mão, o uso de calças compridas, camisas e óculos, além da origem de muitos feriados religiosos. Essa deixa dos autores serve para solicitar que os estudantes pesquisem a respeito de outras heranças medievais. Na abertura desse capítulo há uma imagem de Óbidos, uma vila portuguesa fundada em 1195, marcada por muralhas de proteção, e onde ocorre um evento turístico inspirado nos tempos medievais que atrai milhares de visitantes, com personagens como bobos, cuspidores de fogo, dançarinos e músicos. Essa introdução do capítulo é uma forma de aproximar os estudantes desse conteúdo que parece tão distante e sem sentido para o mundo contemporâneo, mas que pode despertar o interesse também por suas permanências e pelas contribuições históricas.

Nas páginas posteriores, os autores apresentam aspectos econômicos retratando as relações de trabalho, formas de uso da terra, a produção de alimentos e o crescimento populacional, as rotas comerciais e feiras, cotidiano nas cidades, o surgimento dos burgueses. Outro enfoque dos autores é destinado a atuação da Igreja Católica, a divisão do clero em secular e regular, mencionando também o surgimento das escolas e universidades. Cabe dizer que na explanação desses conteúdos os autores fazem usos de imagens que são expostas de forma ilustrativa, utilizam e exploram mapas para que o estudante se localize geograficamente. Algumas dessas imagens retratam o cotidiano dos camponeses, o trabalho no cultivo da terra e a luta pela sobrevivência, que passava pela produção de alimentos. O quadro *Banquete Nupcial*, de Pieter Bruguel, de 1568, apresentado na página 211, demonstra como realizar banquetes era algo raro na vida dos pobres do período medieval, por isso essas refeições eram reservadas para datas importantes, como casamentos, por exemplo.

Ao tratar da Inquisição, os autores buscam mostrar que a Igreja Católica não conseguia exercer o domínio sobre toda aquela sociedade, para isso, usava de

instrumento de repressão e perseguição para os que pensavam diferente, sendo as pessoas acusadas de heresias. Nesse aspecto mencionam a participação feminina, e dizem que a “partir do final do século XV, milhares de mulheres foram perseguidas pela Inquisição e acusadas de praticar feitiçaria. Calcula-se que cerca de 90 mil mulheres tenham sido condenadas e queimadas na fogueira” (COTRIM; RODRIGUES, 2018, p. 218). Essa breve referência não é acompanhada de um texto complementar que explique o porquê dessa perseguição às mulheres, deixando um hiato em relação a esse tema e não mostrando as formas de resistências das mulheres na sociedade medieval, e como um comportamento feminino considerado desviante era motivo suficiente para persegui-las como bruxas ou feiticeiras. Portanto, as mulheres são citadas como um detalhe, quase como uma curiosidade, sem apresentar seu protagonismo como um sujeito ativo na História.

Da mesma forma, quando abordam as Cruzadas, apenas mencionam que mulheres e crianças estiverem presentes nessas expedições militares organizadas pelas autoridades católicas, e quase sempre eram os grupos que mais morriam durante os combates ou pelo caminho, sofrendo com a fome e as doenças. Mais uma vez essa presença feminina não é explorada pelos autores, o que poderia ser feito até mesmo para problematizar o imaginário de que as Cruzadas foram expedições protagonizadas somente por homens, os guerreiros cavaleiros cristãos em busca de honra e glória. Os autores apenas esboçam essa reflexão, deixando passar uma boa oportunidade de reflexão e de incorporação de uma abordagem de gênero no material didático.

Na seção intitulada *Mulheres na Idade Média*, os autores utilizam duas páginas para tratar do tema, com textos-base e duas imagens. A primeira imagem é de uma representação dos cavaleiros da Ordem de São João se preparando para enfrentar as tropas do Império Otomano, onde se vê ao fundo da imagem algumas mulheres ajoelhadas, em uma posição de reverência, com as mãos em forma de prece e clamor pela proteção divina, uma representação do que se esperava do papel das mulheres nessa situação.

Na outra imagem, na página 221, há uma cena do filme *Joana d’Arc*, de 1999, dirigido por Luc Besson, que retrata a atuação dessa personagem na Guerra dos Cem

Anos. A imagem é de uma mulher guerreira, com o cabelo curto, trajando roupas masculinas, armadura, com uma lança na mão, montada em um cavalo igualmente preparado para a guerra. Ao fundo da cena aparecem soldados se protegendo atrás de estacas, fumaças de destruição, provavelmente de tiros de canhão, enquanto a mulher guerreira lidera a batalha. Essa imagem apresenta uma mulher com características totalmente viris, o que teria levado a sua condenação, uma vez que as mulheres não poderiam participar das guerras na condição de soldado. A imagem não é explorada pelos

autores, e nem sequer é utilizada para uma atividade de pesquisa que pudesse ampliar o conhecimento sobre a personagem e suas representações ao longo da história.

No texto principal explicam que a situação das mulheres nesse período variou bastante, segundo a época, lugar e condição social. Isso é relevante, pois não apresenta uma visão unificada do que viria a ser a situação das mulheres no medievo. No texto principal, afirmam que, de forma geral, as mulheres eram menos valorizadas que os homens, sendo vistas como frágeis, emotivas e instáveis. Esses argumentos eram utilizados para justificar a dominação masculina, pois eram os homens que controlavam importantes instrumentos de poder, como a igreja, a guerra e os feudos. Além disso, o fato da sociedade medieval ser bastante influenciada pela Igreja, fazia com que muitos clérigos defendessem uma interpretação bíblica desfavorável às mulheres. “Para eles, Eva havia cometido o pecado original, trazendo a maldade e a imperfeição ao mundo. Entretanto, a partir do século XI, desenvolveu-se o culto a Maria, ‘mãe de Cristo’, considerada santa e redentora. As duas figuras contrastantes marcaram o imaginário ocidental acerca da mulher” (COTRIM; RODRIGUES, 2018, p. 220).

Os autores também expõem que na Idade Média predominava o “ideal de que as mulheres deveriam desempenhar os papéis de esposa e de mãe, exercendo funções como fiar, bordar, cuidar das crianças e da casa”. Mas em seguida fazem questão de enfatizar que “no dia a dia, as mulheres não ficavam limitadas à vida doméstica. Elas participavam de várias atividades e, por isso, podiam ser encontradas nas ruas e praças, nos mercados, nas feiras e nas oficinas artesanais”. Embora não tenha sido dito explicitamente no texto, essa é uma referência às mulheres das camadas populares, que



precisavam buscar sua sobrevivência fora do espaço doméstico, mesmo que a circulação nesses espaços públicos representasse uma ameaça para sua honra, conforme os valores religiosos e morais da época. Essa interpretação ajuda na desconstrução da imagem de que as mulheres na Idade Média não ocuparam lugares exteriores ao seu núcleo familiar, mas mostram que ocuparam muitos outros papéis sociais, inclusive aqueles que não estavam prescritos para sua condição de gênero e ordem social. “Apesar das dificuldades, enfrentadas durante o período medieval, houve mulheres que administraram feudos, oficinas artesanais, comércios e que se dedicaram a atividades intelectuais, atuando como bibliotecárias, professoras e copistas, sobretudo mosteiros femininos” (COTRIM; RODRIGUES, 2018, p. 221).

Nesse sentido, nota-se que essa abordagem realça um protagonismo feminino que em outros momentos da História foi ofuscado pela dominação masculina, relegando as mulheres ao segundo plano, sem expressar sua atuação ativa nos processos históricos. Os autores trazem algumas figuras femininas que tiveram projeção na vida social e intelectual da Idade Média, a exemplo da religiosa Catarina de Siena (1347-1380), a escritora Cristina de Pisano (c. 1364-1430) e a guerreira Joana d’Arc (c. 1412-1431). Esta última muito mais conhecida dos estudantes, por ser considerada uma santa e ser a padroeira da França, imortalizada nas lendas e no cinema. No tocante a estas mulheres, são apresentadas minibiografias que ressaltam os seus feitos:

**Catarina de Siena** – era membro da ordem dominicana e desempenhou um importante papel público e político na sua época. Ela queria reformar a Igreja, promover a paz na península Itálica e fortificar a Europa, ainda que fosse por meio das Cruzadas.

**Cristina de Pisano** – escreveu obras literárias e filosóficas, nas quais defendia os direitos das mulheres. No *Livro da Cidade de Senhoras*, por exemplo, a autora criou uma cidade fictícia que era habitada por mulheres famosas da história.

**Joana d’Arc** – liderou a tropa francesa na Guerra dos Cem Anos, entre França e Inglaterra. Sua tropa venceu a Batalha de Orléans, feito que foi decisivo para o fim da guerra. Por razões políticas e religiosas, foi acusada de praticar bruxaria e condenada à morte na fogueira em 1431, aos 19 anos de idade. No século XX, ela foi canonizada pela Igreja católica e tornou-se padroeira da França (COTRIM; RODRIGUES, 2018, p. 221, grifos dos autores).

Os autores se preocuparam em incorporar a temática das mulheres na Idade Média no livro didático, mas o tema ainda aparece como complemento, não sendo incorporado aos principais episódios, pois ainda existe um enfoque nas ações masculinas, além do que as relações sociais de gênero, que dão significado a maneira como as diferenças são construídas socialmente, ainda não foram incorporadas na análise.

Nas páginas seguintes desse capítulo, os temas abordados são as produções culturais, como a pintura, as religiões e a arquitetura medieval, e não aparecem discussões sobre representações femininas. Há informações no texto-base sobre as *Crises medievais* e a *Guerra dos Cem Anos*. Cotrim e Rodrigues (2018) destacam que o uso pedagógico das imagens nesse período era importante, pois a maioria da população não sabia ler, mas não explora essas imagens, deixando apenas para uma delas algumas reflexões para os estudantes, para que descrevam os grupos sociais representados. Nas atividades no final desse capítulo não há exercício que leve o estudante a reflexão da participação feminina no período medieval, com o seu papel de protagonista e de sujeito histórico. Assim, é visível que há um longo caminho a ser percorrido para que as narrativas sobre as mulheres ocupem um espaço de destaque nos processos históricos. Mas é importante considerar o mérito da obra em inserir o tema, rompendo com o silenciamento e uma conjuntura de submissão que foi imposta ao feminino no decorrer dos séculos, refletindo em muitos materiais escolares.

### *3.2 Livro didático Estudar História: das origens do homem à era digital*

O segundo livro didático analisado foi a obra *Estudar História: das origens do homem à era digital*, para uso do 6º ano do Ensino Fundamental dos Anos Finais, do componente curricular História, de Patrícia Ramos e Braick e Anna Barreto, editora Moderna.

Por via de regra, esse livro didático começa o seu conteúdo destacando a produção do conhecimento histórico, indo desde a origem da humanidade até as transformações da Europa Medieval. O livro tem 256 páginas e está dividido em 12

capítulos<sup>13</sup>, organizados de maneiras variadas com imagens, mapas, contendo as seções *Abertura da unidade, Abertura do capítulo, Saiba mais, História em construção, Refletindo sobre, Recapitulando, Explore, Conexão, Leitura complementar, Enquanto isso..., Atividades e Fazendo e aprendendo*.

A Idade Média é tratada nos capítulos 11 e 12. O primeiro capítulo sobre a Idade Média analisado é intitulado *A Europa Feudal*, inicia-se com uma imagem da cena do filme *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban* (2004), dirigido por Alfonso Cuarón, uma forma de aproximar de maneira lúdica os estudantes ao tema. A legenda da imagem informa que os castelos fortificados nas histórias de Harry Potter têm inspiração no período medieval. Além disso, há um fragmento do texto de Hilário Franco Júnior, intitulado “Somos todos da Idade Média”, publicado na *Revista de História da Biblioteca Nacional*, do ano de 2008, cujo objetivo é mostrar que na sociedade brasileira contemporânea existem muitos hábitos, conceitos e objetos que vêm da época medieval, trazidos culturalmente pelos europeus que “descobriram” nossa terra, daí as nossas raízes também medievais. Ao usarem esse texto de maneira introdutória ao tema, as autoras tentam levar os estudantes a refletirem sobre as permanências da Idade Média na atualidade, referência importante para desmistificar a ideia de que estudar o passado remoto não é interessante.

As autoras lembram inicialmente como a Idade Média é um tema que está presente no nosso cotidiano, no nosso imaginário, especialmente por alguns dos seus elementos mais simbólicos, “tanto na fantasia quanto na realidade”, como os castelos, cavaleiros armados, bruxas, magos. A Idade Média é também um tema de sucesso na mídia, com muitos filmes, séries televisivas, livros e videogames. Explicam que as contribuições que fazem parte do nosso cotidiano também compõem uma lista de objetos e saberes que sequer nos damos conta, como os botões, os livros, a calça, o uso da colher e do garfo, os óculos, as universidades e o Carnaval.

O texto-base inicia com a discussão da transição da Antiguidade clássica para a Idade Média, e explica que a data da queda do Império Romano do Ocidente, em 476, como marco inicial da Idade Média, foi atribuída pelos historiadores europeus. Mostram como a fixação dos povos germânicos nas antigas terras do império romano

deu origem a formação do feudalismo, entre os séculos V e X, época que ficou conhecida como Alta Idade Média. No boxe *História em construção*, esclarecem que o termo “Idade Média” teve origem no século XVI, sendo usado de maneira pejorativa, para designar o intervalo entre a Antiguidade clássica e a Idade Moderna, época em que esses pensadores que cunharam o termo viviam. Assim, a Idade Média foi associada, de maneira preconceituosa, a um “período de trevas”, desconsiderando as suas realizações artísticas e culturais. A tirinha *Hagar* (1973), de Dik Browne, utilizada nesse boxe, apresenta de maneira lúdica esse imaginário em torno da Idade Média.

Nesse capítulo, as autoras abordam os povos germânicos e sua forte tradição guerreira, tratam da conversão de “tribos e chefes guerreiros germânicos ao cristianismo” fortalecendo o poder material e espiritual da Igreja Católica. Há um destaque para o imperador Carlos Magno, governante do Reino Franco, apresentando uma imagem desse imperador, uma pintura de Albrecht Dürer, de 1511, em que o governante é apresentado com dois símbolos de poder em suas mãos, a espada e a cruz. Os estudantes são convidados a explorar a análise da imagem e identificar esses símbolos e o que representam.

Após apresentarem no texto-base o império carolíngio e sua fragmentação, mostram as condições para o surgimento de um novo sistema político, econômico e social: o feudalismo. O termo feudo é explicado, como um “bem doado em troca de algo”, dando origem ao termo feudalismo, sistema marcado por essa relação de fidelidade entre o vassalo, que recebia o benefício, e o suserano, que fazia a doação. Explicam que nessa relação de vassalagem, em caso de morte do suserano ou do vassalo, o juramento de fidelidade era renovado entre os primogênitos do sexo masculino das famílias envolvidas, mas caso não houvesse descendentes do sexo masculino, o benefício retornava ao suserano. E se “a mulher de um vassalo ficasse viúva, o suserano escolhia um marido para ela e o tornava tutor dos bens da família” (BRAICK; BARRETO, 2018, p. 225). Essa breve referência às mulheres, embora não tenha sido explorada pelas autoras, mostra o aspecto patriarcal dessa sociedade, o lugar destinado ao feminino e a sistemática prática social de submissão das mulheres à figura masculina, seja o pai, o marido ou aos filhos.

O capítulo possui diversas imagens que completam as explicações dos textos-base, como no caso da organização do feudo, em que uma ilustração de Roko representa um senhorio medieval, com suas divisões em manso senhorial, manso servil, terras comunais, castelo. A divisão da sociedade em três ordens também é explicada, com suas diferentes funções, obrigações e compromissos: clero, nobreza e os servos. Segundo as autoras, “essa estrutura não correspondia exatamente à realidade da época, mas a uma representação do que seria ideal para a Igreja. A sociedade feudal era muito mais complexa e estava organizada em várias outras subdivisões” (BRAICK; BARRETO, 2018, p. 227).

A seção denominada *Ser mulher na Europa medieval* ocupa uma página deste capítulo, e discute como a imagem da mulher era representada ora como santa e mãe, ora como pecadora. No primeiro caso, o exemplo era Maria, mãe de Jesus, considerada a redentora, e no segundo caso era uma referência a Eva, mulher de Adão, considerada a responsável pelo pecado original e todos os males dele decorrentes. As autoras mostram que, no geral, as mulheres eram representadas e vistas como inferiores, as quais deviam ser disciplinadas e submissas a dominação dos homens, mas que apesar de serem marginalizadas e não poderem exercer funções públicas, tinham grande importância na vida econômica da Europa medieval. Apresentam as diferentes funções que as mulheres exerciam de acordo com sua posição social, a exemplo das mulheres do campo, que faziam praticamente as mesmas funções que os homens desse grupo social, além das tarefas domésticas; as nobres tinham várias atividades, como confecção de bordados, de tapetes, educação das crianças, outras escolhiam a vida religiosa nos mosteiros, chegando até mesmo a fundarem mosteiros femininos, onde podiam usufruir de uma autonomia que dificilmente obteriam fora desses espaços. As autoras desse livro didático representam as mulheres em sua pluralidade, mostrando que exerceram funções e ocuparam espaços diferentes naquela sociedade.

Ainda nessa seção apresentam uma reflexão sobre as permanências dos preconceitos contra as mulheres nas sociedades atuais. Explicam que na Idade Média as mulheres não tinham direitos iguais aos homens, nem liberdade de ir e vir. E que apesar de as mulheres, com o tempo, conquistarem diversos direitos, ainda sofrem

com o preconceito e a violência. Questionam: De que forma o desrespeito contra as mulheres está presente na nossa sociedade? Que atitudes podem ser tomadas para que esse problema seja erradicado? (BRAICK; BARRETO, 2018, p. 229).

Para concluir essa seção, consta uma ilustração da obra *A cidade das senhoras* (1410-1411), da escritora medieval Cristina de Pisano, presente na Biblioteca Britânica, em Londres. Na imagem aparecem seis mulheres da nobreza, algumas com coroas, outras duas com um tipo de véu branco cobrindo a cabeça, estão realizando diferentes atividades, desde a construção do muro da cidade, até a leitura de livros, e também possuem alguns objetos nas mãos. Essa imagem não é explorada em seus significados, o que poderia enriquecer bastante a seção dedicada às mulheres. Sendo assim, a imagem fica meramente ilustrativa. Para reforçar o uso do texto e da imagem, fazem uma recapitulação por meio de uma pergunta: “As mulheres tinham ampla autonomia na Europa medieval? Justifique” (BRAICK; BARRETO, 2018, p. 229). Cabe destacar que nessa seção a abordagem dada ao feminino ajuda o estudante a desconstruir a imagem das mulheres medievais como sem função social naquela época, bem como os questionamentos que relacionam passado-presente revelam que há rupturas e permanências, sobretudo quando as mulheres ainda são desvalorizadas socialmente, recebem menos pelas mesmas tarefas e são alvo constante de violência de gênero na sociedade contemporânea.

Nas páginas seguintes desse capítulo, as autoras trabalham com o conceito de mentalidade e cultura, dando o enfoque ao pensamento religioso que permeou praticamente todas as esferas da vida. Também abordam as representações do inferno, purgatório e o paraíso como lugares destinados às almas, sejam as pecadoras, no primeiro caso, ou as que deveriam purgar antes de serem salvas. Outro destaque é dado para o teatro em que encenavam temas religiosos como a Paixão de Cristo, a história da Virgem Maria e dos santos. As encenações populares eram perseguidas pela Igreja por fazerem críticas a certas condutas do clero. Apontam também o desenvolvimento de alguns gêneros literários.

O Boxe *Enquanto isso* trata do Império Bizantino, apresenta um mosaico bizantino do século XII, onde a Virgem Maria e o Menino Jesus são ladeados pelo Imperador João Comneno e sua esposa, a imperatriz Irene. No entanto, a imagem não

é explorada, apenas uma questão solicita quais as diferenças são observadas na imagem, entre a representação da Virgem Maria e a do casal imperial.

Por fim, traz atividades em que algumas fazem referência às mulheres. A primeira questão traz a tirinha Hagar (1973), de Dik Browne, que fala de um guerreiro viking bastante atrapalhado, Hagar, o Horrível. Ele comanda uma campanha de invasão e saques pela Europa medieval, mas em sua casa quem comanda é sua mulher Helga. As questões suscitadas a partir da tirinha não exploram diretamente as relações entre o masculino e o feminino, mas o texto de introdução das autoras deixa transparecer essa ironia, de um guerreiro ser comandado em casa por sua mulher. Na segunda questão há um fragmento historiográfico de autoria do historiador Georges Duby, da obra *Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios*, de 1989, em que analisa o papel das mulheres na sociedade medieval. O texto retrata que no seio do grupo doméstico havia divisão de papéis, cabendo aos homens as ações exteriores e públicas, enquanto as mulheres tinham uma vida de interioridade, sendo sua função essencial a procriação. Por essa razão, as mulheres só alcançavam a existência jurídica quando casavam, e melhoravam mais seu *status* quando davam à luz, assim adquiriam um poder muito seguro, isto é, o da mãe sobre o seu filho. A partir desse texto as autoras lançam as seguintes perguntas:

- a) Segundo o texto, qual era o papel das mulheres na sociedade medieval? Como elas alcançavam a existência jurídica?
- b) Explique a frase “Aos homens competia a ação exterior e pública; as mulheres se encontravam normalmente acantonadas no interior”.
- c) Em sua opinião, na sociedade atual ainda existe uma divisão de papéis entre homens e mulheres? As mulheres continuam tendo as mesmas funções que tinham na sociedade medieval? Explique (BRAICK; BARRETO, 2018, p. 234).

As autoras por meio dessas questões procuram levar o estudante a perceber as mudanças e permanências do espaço ocupado pelas mulheres nas sociedades, tanto do medieval como no tempo presente. Com isso, incentivam o conhecimento sobre essa temática e estabelecem comparações com a atualidade, para que os estudantes reflitam sobre os papéis sociais que historicamente são construídos para homens e mulheres e que são apresentados como naturais; para que reflitam sobre o porquê da valorização



das mulheres apenas como esposas e mães, como sendo suas únicas funções e utilidades na

sociedade, a partir de discursos construídos pelos homens, especialmente os clérigos na Idade Média. Na questão cinco, há uma referência às cantigas medievais, em que o tema da mulher amada aparecia, seja de forma satírica ou lírica.

O segundo capítulo analisado tem o título *Transformações na Europa Medieval*, inicia-se com uma representação pública de combate entre cavaleiros armados que remonta a torneios medievais, no Castelo Broich, em Mülheim, na Alemanha, a partir de uma foto tirada em 2014. As autoras buscam mostrar que a sociedade medieval era marcada pelas atividades militares, e que esses torneios eram eventos da nobreza, uma oportunidade para os cavaleiros mostrarem suas qualidades como coragem, inteligência, força e honra. Mas também eram bastante violentos, o que levou a Igreja a condená-los e proibi-los, pois para os clérigos esses torneios incentivavam pecados como o ódio, a violência, a soberba e a inveja.

As temáticas abordadas no capítulo são as inovações agrícolas, como a charrua e a rotação trienal de culturas; o revigoração comercial e urbano; a expansão do comércio terrestre e marítimo; a formação da burguesia; as corporações de ofício; o ensino na Baixa Idade Média; as Cruzadas; intercâmbio comercial e cultural; a crise do século XIV, incluindo a grande fome e a peste negra; as revoltas nos campos e nas cidades; a desestruturação do feudalismo e um boxe *Enquanto isso*, que trata da era dos samurais na época do Japão feudal. Esse capítulo não trata das mulheres, embora apresente algumas imagens com figuras femininas, que podiam ser exploradas, para mostrar a presença feminina em atividades não convencionais e circulando em espaços públicos, até mesmo algumas damas montando cavalos, como é o caso das pinturas *O banqueiro e sua mulher*, de Quentin Metsys (1514) e *Efeitos do bom governo na cidade*, de Ambrogio Lorenzetti (1338-1340), respectivamente. Para encerrar o capítulo, as autoras apresentam várias atividades, especialmente sobre a cidade e o comércio, algumas dialogando com questões do presente, a exemplo das construções de muros na atualidade para separar países, e não trazem questões que abordem a questão feminina na sociedade medieval.

No geral, a obra em análise fez referência ao feminino na Idade Média, com a seção “Ser mulher na Europa medieval”, embora o título utilizado nessa seção possa passar uma ideia de essência e homogeneidade, contrariando os próprios argumentos do texto, que apresentam uma visão plural do feminino nesse período.

### *3.3 Livro didático Histórias: sociedade & cidadania*

O terceiro e último livro didático usado para esta análise é a obra intitulada *Histórias: sociedade & cidadania*, para uso do 6º ano do Ensino Fundamental dos Anos Finais, do componente curricular História, de autoria de Alfredo Boulos, editora FTD.

De modo geral, esse livro didático inicia com os conceitos da disciplina, as suas fontes e conhecimentos em História, assim como segue de uma maneira geral os conteúdos estabelecidos pelo currículo para esse nível de ensino.<sup>14</sup> Esse livro tem 240 páginas, dividido em 12 capítulos<sup>15</sup>, organizados de modos variados com imagens, contendo as seções *Dialogando*, *Para refletir* e *Para saber mais*, e o boxe *Dicas* sugere vídeos, as atividades *Retomando*, *Leitura e Escrita em História*, *Integrando com*; *Você Cidadão*, indicando perguntas e análise de fragmentos de textos historiográficos, tabelas, gráficos, imagens e mapas.

A Idade Média é abordada apenas no capítulo 12, intitulado *O Feudalismo: sociedade, cultura e religião*, o qual inicia com uma imagem da Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis (GO), uma foto feita no ano de 2007, em que aparecem homens montados a cavalo, representando cavaleiros medievais, vestidos com roupas vermelhas e azuis. Essa festa faz parte das Cavalcadas, que ocorre anualmente na cidade goiana, como uma dramatização das lutas de Carlos Magno e os Doze Pares de França contra os Mouros na Península Ibérica. A imagem não é posta apenas como ilustração, pois o autor faz questionamentos ao estudante para que relacione com o tema do feudalismo que será estudado.

A abordagem do capítulo começa com os domínios germanos, iniciando pelo Reino dos Francos, onde traz uma gravura do século XIX que apresenta o chefe franco cruzando o rio Reno com seus guerreiros, episódio ocorrido no século V. Acerca do

Reino dos Francos, o autor ressalta o reinado de Clóvis (482-511) e o seu casamento com Clotilde, a princesa cristã do reino da Burgúndia, que teve influência na sua vida, fazendo com que esse rei ampliasse o seu poder, conseguindo diminuir a resistência ao domínio

franco. Isso se expressa quando o autor diz que: “influenciado por Clotilde e interessado na aliança com a Igreja Católica, Clóvis converteu-se ao cristianismo, em 496. E, com apoio da Igreja, continuou expandindo o seu reino” (BOULOS, 2018, p. 210). O autor não tece mais comentários sobre essa influência da rainha Clotilde, não problematizando esse aspecto de como as mulheres da nobreza podiam se envolver em questões políticas, e não somente participando da política de casamentos, mas influenciando os monarcas e suas decisões. Ao tratar do Império Carolíngio apresenta somente as ações dos grandes homens e a dominação masculina expressa em títulos nobiliárquicos como duques, marqueses e condes, sem mencionar as mulheres que recebiam esses títulos. Ainda tratando da administração do império Carolíngio, apresenta uma imagem do imperador Carlos Magno e outros nobres representados em combate, pintura de Antoine Verard, do século XV, reforçando a imagem guerreira da Idade Média.

Na seção *A formação da Europa Medieval*, o autor explica que esse processo ocorreu por meio de combinação de elementos de origem romana, germânica e religiosa. A respeito do feudalismo, trata das relações de suserania e vassalagem de maneira bem compacta, com destaque para o juramento de fidelidade, o que reforça por meio de uma imagem de um vassalo prestando homenagem ao senhor, uma ilustração do século XII, de Barcelona, na Espanha. Traz uma grande imagem, que ocupa duas páginas, onde apresenta o senhorio, um feudo onde se observa as áreas do manso senhorial, as terras comunais como florestas e pastagens, o manso servil, que eram as terras onde os camponeses produziam para sobreviver e cumprir as obrigações com o senhor, além do castelo, local de moradia e fortaleza.

Em relação à sociedade feudal na Europa ocidental, explica também de maneira muito sucinta como essa sociedade estava dividida em três ordens ou grupos sociais: os clérigos (os que oram), os nobres (os que guerreiam) e os trabalhadores (os que sustentam a todos com seus serviços). Ao retratar os nobres apresenta uma

ilustração do século XV representando dois cavaleiros, Tristão e Lancelot, em uma cena de torneio. Essa imagem reforça a ideia de uma sociedade viril, masculina, em que as mulheres não têm espaço. O fato é que o autor não menciona a participação das mulheres nessa sociedade, como se não tivessem uma atuação cujo valor merecesse a referência em um capítulo que trata da sociedade medieval. A ausência das mulheres está em todo capítulo, seja no texto-base ou nos boxes que complementam o conteúdo e trazem novas possibilidades de aprendizagem. Falta referências à maneira como as mulheres eram vistas e tratadas naquela época, e o modo como continuam sendo tratadas com desigualdades nas sociedades contemporâneas, apesar dos avanços e direitos conquistados, assim como a relevância de inseri-las como sujeitos ativos nos processos históricos. Quando o autor apresenta a situação dos trabalhadores traz duas imagens dos camponeses em suas atividades, seja arando a terra, como na miniatura do século XV, em que aparecem as mulheres pobres, ou na vinha, como mostra a iluminura do século XV em que aparecem camponeses trabalhando na produção do vinho. Nessa imagem a mulher aparece dentro de um tanque de madeira esmagando as uvas. Portanto, essas imagens poderiam ser exploradas para debater questões relacionadas ao trabalho feminino nesse período.

Na seção *Igreja e cristianismo na Idade Média*, o autor contextualiza como essa instituição religiosa conseguiu manter um grande poder sobre a sociedade medieval no Ocidente, além de mostrar as crises no cristianismo e a novas ordens religiosas. A respeito disso, no texto principal há uma crítica à atuação de alguns membros da Igreja, pois se esqueciam “da humildade e do amor ao próximo para levar uma vida de luxo e de ociosidade. Alguns cristãos reagiam a isso se retirando para viver em grutas ou então em mosteiros, isto é, comunidades formadas de monges ou monjas” (BOULOS, 2018, p. 225). Ao falar da cultura na Idade Média, é dividida entre a cultura letrada, transmitida por meio de textos escritos em latim ou grego; a cultura popular, transmitida de boca em boca e se utilizando de dialetos locais ou regionais; e cultura intermediária, que seria “fruto das intensas trocas entre quase todos os membros de uma mesma sociedade, independentemente de sua condição social” (BOULOS, 2018, p. 226).

No boxe *Para Refletir* há quatro textos: *Francisco de Assis e a ordem dos franciscanos*, *A mulher na Grécia antiga*, *A mulher na Roma antiga* e *A mulher na sociedade medieval*, com questões para serem refletidas e analisadas pelos estudantes. Como o objetivo deste trabalho é analisar a representação das mulheres na Idade Média nos deteremos apenas no último texto. Nesse boxe há um fragmento do texto historiográfico do historiador José Rivair Macedo, na obra *A mulher na Idade Média*, edição de 1990. O texto traz bastante cortes, para ser uma leitura sucinta para os estudantes, mas consegue preservar os argumentos centrais de Macedo, que afirma que a sociedade medieval nutriu um desprezo generalizado pelas mulheres, pois sendo uma sociedade masculina e guerreira, designava os dois sexos como “o lado da espada” e o “lado da roca”. Esses instrumentos, espada ou roca, indicavam a função que exerciam na sociedade, sendo fiação e bordado funções femininas. Mas, para Macedo, a mulher medieval não deve ser pensada com o um grupo compacto oprimido pelos homens, não sendo possível alinhar, num mesmo plano, condessas e castelãs com servas e camponesas

livres, e que a opressão muitas vezes foi exercida pelas mulheres poderosas sobre as suas dependentes. Diz que os documentos registram a participação feminina em inúmeros serviços, como exemplo, nas plantações, na pesca, batendo trigo, ordenhando vacas, tosquiando os carneiros. A mulher de condição servil, assim como o marido, desempenhava todas as tarefas acima mencionadas e podia ser obrigada a prestar serviços na casa do senhor. Esse texto é acompanhado de uma imagem, do século XVI, em que mostra as mulheres ordenhando e tosquiando ovelhas. Após a leitura do texto e observação da imagem, o autor da obra didática solicita que o estudante responda as seguintes questões:

- a) De que forma a sociedade medieval via as mulheres?
- b) Segundo o autor, todas as mulheres medievais eram igualmente discriminadas?
- c) Escreva, com suas palavras, um pequeno texto resumindo a vida de uma mulher de condição servil na Idade Média.
- d) Justifique a afirmação: Na Idade Média, a situação das pessoas variava de acordo com o sexo e a condição social (BOULOS, 2018, p. 230).

O texto escolhido pelo autor é muito importante para abordar as diferentes funções e atuação das mulheres no período medieval, destacando o aspecto plural da situação das mulheres, mas aparece apenas ao final do capítulo, no boxe das atividades, sem que a presença feminina tenha sido mencionada e problematizada durante os textos principais, ou mesmo nos boxes com as informações adicionais.

De modo geral, o autor apresenta uma Idade Média de modo superficial, não enfatizando a resistência daqueles que foram excluídos da História, que foram vistos pelos seus contemporâneos como sujeitos de menor valor, a exemplo das mulheres. Portanto, a obra precisa incorporar essa abordagem de uma maneira mais crítica, com interação com os conteúdos, e não apenas para cumprir uma exigência legal, como parece acontecer quando a temática é citada em um canto da obra ou apenas nas atividades finais. Como explica Ferreira e Grisolio (2016, p. 83), “incorporar as temáticas das mulheres e dos gêneros nas aulas de História é importante, não só porque legitima a mulher como sujeito histórico, como também a história passa a ser pensada e reescrita por outros temas, outras narrativas, outras visões, contribuindo com o real papel da História”.

### Considerações Finais

Com as transformações ocorridas na historiografia a partir do século XX, no modo de como se produz o conhecimento histórico, surgiram novas abordagens no estudo daqueles considerados excluídos da História, como os sujeitos escravizados, os livres pobres, os indígenas e as mulheres, os quais receberam um novo espaço nas pesquisas, em que buscou-se entender as suas ações, resistências, trazendo à cena a memória histórica desses atores sociais que foram vistos de forma subalternizadas. Os livros didáticos de história também precisam acompanhar esses avanços.

Foi possível perceber nas análises feitas dos livros didáticos que o protagonismo feminino no período medieval ainda precisa ser melhor investigado, que a literatura acadêmica sobre o tema precisa ser mais incorporada, com o uso de fontes que sustentem a atuação ativa das mulheres na sociedade, e que sirvam para combater a questão da exclusão e do silenciamento feminino nos livros didáticos de História. E

observou-se que nesses três livros didáticos analisados as abordagens das mulheres não fazem parte dos textos-base que abordam os temas considerados clássicos, como os temas da política e economia, cuja narrativa ainda é monopolizada pela figura masculina, já que as mulheres geralmente são tratadas em uma seção, boxe ou somente nas atividades de fixação de aprendizagem. Mas existem avanços, como nas obras *Historiar e Estudar História*, que destinaram mais espaços para a discussão sobre as mulheres, com mais fontes e questionamentos sobre suas atuações, funções e representações na sociedade medieval, assim como estabelecem comparações e reflexões para pensar também o presente.

De modo geral, as obras trataram das mulheres de maneira pontual, complementar aos ditos grandes acontecimentos na Europa Medieval, não incorporando as relações de gênero para analisar as simbologias do poder que envolvem as representações do masculino e feminino; compreender os papéis atribuídos aos sujeitos sociais em razão das diferenças percebidas entre os sexos, resultantes de construções culturais; a invisibilidade das mulheres, sendo relegadas aos espaços privados; as representações negativas que associavam as mulheres ao mal, ou que tentavam positivar tais imagens por meio do modelo mariano, associado a virgem Maria, o que parecia um ideal impossível de ser atingido.

Portanto, faz-se necessário o estudo de gênero e das representações das mulheres no ensino de história, incorporando os estudos feministas que resultaram em

contribuições e avanços para a história das mulheres e o modo como são representadas no curso da História, dando centralidade na narrativa histórica em vez de um complemento.

## REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Maria Fernandes Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4. ed. São Paulo, Cortez Editora, 2011.
- BITTENCOURT, Maria Fernandes Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In:



- \_\_\_\_\_. (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 12. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015. p. 69-90.
- BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD 2020: história – guia de livros didáticos/** Ministério da Educação – Secretaria de Educação Básica – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2019.
- BOULOS, Alfredo. **História sociedade & cidadania: 6º ano ensino fundamental anos finais**. 4 ed. São Paulo: FTD, 2018.
- BRAICK, Patrícia Ramos; BARRETO, Anna. **Estudar história: das origens do homem à era digital**. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2018.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales: 1929-1989**. São Paulo: UNESP, 2010.
- COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. **Historiar, 6º ano: ensino fundamental, anos finais**. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2018.
- FERREIRA, Juliana Kummer Perinazzo; GRISOLIO, Lilian Marta. "Os feminismos e a ausência das mulheres nos livros didáticos de História". In: **Estudos Interdisciplinares em Humanidades e Letras**. São Paulo: Blucher, 2016, p. 73 -88.
- FREITAS NETO, José Alves de. A transversalidade e a renovação no ensino de história. In: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 57-74.
- JALES, Luanna. Visibilidade histórica para mulheres, negros e indígenas. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PINSKY, Jaime (orgs.). **Novos combates pela história: desafios-ensino**. São Paulo: Contexto, 2021, p. 201-223.
- KLAPISCH-ZUBER, Christiane. Mulheres. In: Burguière, André (org). **Dicionário das Ciências Históricas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 569-572.
- KLAPISCH-ZUBER, Christiane. Masculino/Feminino. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (org.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo, Vol. II, Edusc, 2006, p. 137-149.
- OLIVEIRA, Susane Rodrigues de. Ensino de história das mulheres: reivindicações, currículos e potencialidades. In: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues

- de; ZANELLO, Valeska. **Estudos Feministas e de Gênero: Articulações e Perspectivas**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2014.
- PINSKY, Carla Bassanezi. Introdução. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Novos temas nas aulas de História**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 7-12.
- PINSKY, Carla Bassanezi. Gênero. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Novos temas nas aulas de História**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 29-54.
- SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 2011, p. 65-98.
- SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- SILVA, Valéria Fernandes da. Sujeito da História ou Reclusa de Caixa de Texto: um olhar feminista sobre as representações femininas nos livros didáticos de história. In: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska. **Estudos Feministas e de Gênero: articulações e perspectivas**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2014.
- TEDESCHI, Losandro Antônio. O Fazer Histórico e a Invisibilidade da Mulher. **OPSIS - Curso de História. Dossiê Teoria da História**. Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão. Catalão - GO, v. 7, n. 9, jul-dez. 2007. p. 329-339.

## Notas

---

<sup>1</sup> Doutora em História Social (UFF) e Professora Associada do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST/UEMA).

<sup>2</sup> Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História e Conexões Atlânticas: culturas e poderes (PPGHIS/UFMA.) Bolsista FAPEMA.

<sup>3</sup> Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História e Conexões Atlânticas: culturas e poderes (PPGHIS/UFMA).

<sup>4</sup> Bacharel em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), da Universidade de São Paulo (USP). Licenciado em História pela Faculdade de Educação da USP. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (Mack-SP). Professor de História na rede particular e pública. Advogado inscrito na OAB de São Paulo.

<sup>5</sup> Bacharel em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Doutor em História Social do Trabalho pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp-SP). Professor de História na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Ex-professor de História nas redes pública e particular de ensino.

<sup>6</sup> Mestra em História (área de concentração: História das Sociedades Ibéricas Americanas) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), foi professora da Educação básica em Belo Horizonte (MG).

<sup>7</sup> Mestre em Ciências com concentração em História Social pela Universidade de São Paulo (USP-SP). Professora da Educação Básica nas redes pública e privada de São Paulo (SP), desde 1987.

<sup>8</sup> Doutor em Educação (área de concentração: História da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Ciências (área de concentração: História Social) pela Universidade de São Paulo. Lecionou na rede pública e particular e em cursinhos pré-vestibulares. É autor de coleções paradidáticas. Assessorou a Diretoria Técnica da Fundação para o Desenvolvimento da Educação - São Paulo.

<sup>9</sup> Para mais informações desse movimento historiográfico, consultar: BURKE, Peter. **A Escola dos Anais: 1929-1989**. São Paulo: UNESP, 2010.

<sup>10</sup> 1) História: ação e reflexão; 2) Origens da humanidade; 3) Primeiros povos da América; 4) América antiga; 5) Mesopotâmia; 6) Egito antigo e Reino de Cuxe; 7) Grécia antiga: das origens à polis; 8) Grécia antiga: vivências culturais; 9) Roma antiga: a construção de um império; 10) Roma antiga: vivências culturais; 11) Império Bizantino; 12) Formação da Europa feudal; 13) Transformações na Europa feudal; 14) Mundo islâmico; Projeto temático: universo escolar.

<sup>11</sup> O texto citado está na obra *A Idade Média: nascimento do Ocidente*, de 2001, p. 11.

<sup>12</sup> Apresentam alguns marcos iniciais consagrados pela historiografia, datas como 476 (deposição do último imperador romano), 392 (oficialização do cristianismo) e 395 (morte do imperador Teodósio). E para os marcos finais, datas como 1453 (tomada de Constantinopla) e 1492 (chegada de Colombo à América).

<sup>13</sup> 1) Tempo, Memória e História; 2) A origem da Humanidade; 3) Os primeiros habitantes da América; 4) Civilizações fluviais na África e na Ásia; 5) Sociedade, economia e cultura dos povos nativos americanos; 6) Origens da antiguidade clássica; 7) Transformações no mundo grego antigo; 8) Roma Republicana; 9) Roma Imperial ;10) A expansão do Islã e os reinos africanos; 11) A Europa feudal; 12) Transformações na Europa medieval.

<sup>14</sup> Os primeiros povoadores da Terra; Primeiros habitantes da América; Egito e Kush; Mesopotâmia, Povos indígenas da América; O mundo grego e a democracia; Roma: monarquia, república e império; O Império Romano; Povos e Culturas nas terras banhadas pelo Mediterrâneo; O Feudalismo: sociedade, cultura e religião.

<sup>15</sup> 1) História e Tempo; 2) Fontes e Conhecimento em História; 3) Os primeiros povoadores da Terra; 4) Primeiros habitantes da América; 5) Egito e Kush; 6) Mesopotâmia; 7) Povos indígenas da Américas; 8) O mundo Grego e a Democracia; 9) Roma: Monarquia, República e Império; 10) O Império Romano; 11) Povos e Culturas nas terras banhadas pelo Mediterrâneo; 12) O feudalismo: sociedade, cultura e religião; Bibliografia e Mapas.